

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v33i0p123-140>

Conferências como âmbito de atuação de intérpretes de Libras-língua portuguesa do Brasil: o que se tem produzido a respeito?

Conferences as a scope of interpreters of Libras-Brazilian Portuguese: what has been produced about it?

Eduardo Andrade Gomes*

Resumo: Segundo alguns autores, a interpretação lida, em sua maioria, com situações e discursos formais, monológicos e simultâneos, que trazem consigo a inflexibilidade do tempo, densidade lexical e terminológica, o trabalho em equipe, e o posicionamento e exposição dos intérpretes ao público. Reconhecendo estas peculiaridades, foi feito um levantamento dos anais das seis edições do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados apontaram a ocorrência de uma publicação em 2010, uma em 2012 e três em 2016. O baixo percentual revela a necessidade e urgência em promover discussões e produções no que tange à formação e atuação dos intérpretes de Libras-Língua Portuguesa do Brasil em contexto de conferência, visto que este tem sido um crescente espaço para o exercício profissional.

Palavras-chave: Estudos da Interpretação; Interpretação em conferência; Interpretação Libras- Língua Portuguesa do Brasil.

* Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: edu.gomes06@gmail.com

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

www.revistas.usp.br/tradterm

Abstract: Some authors argue that interpretation mostly deals with formal, monological and simultaneous situations and discourses, bringing with it inflexibility of time, lexical density and terminology, teamwork, and the positioning and exposition of the interpreters to the public. Recognizing this peculiarity, a survey was made of the annals of the six editions of the National Congress of Translation and Interpretation of Libras and Portuguese conducted by the Federal University of Santa Catarina. The results pointed to the occurrence of one publication in 2010, one in 2012 and three in 2016. The low percentage reveals the need and urgency to promote discussions and productions regarding the formation and performance of interpreters of Libras-Brazilian Portuguese in conference contexts, since this has been an increasing space for professional practice.

Keywords: Interpretation Studies; Interpretation in Conference; Interpretation Libras-Brazilian Portuguese.

1. Introdução

O campo disciplinar Estudos da Interpretação (EI) foi assim reivindicado e denominado por Venuti (2000) e Pochhacker (2004, 2010) e está alicerçado, basicamente, no ato de interpretar e no exercício da interpretação. Embora esse objeto central apresente características linguísticas, cognitivas, funcionais e psicofisiológicas próprias, do ponto de vista teórico e formal, percebe-se, no Brasil, certa resistência por parte de pesquisadores e estudiosos em declarar EI como uma área autônoma. Tanto é verdade que programas de pós-graduação¹ e periódicos² mantêm a nomenclatura geral em Estudos da Tradução (ET). É possível que a razão para tal posicionamento seja a concessão da tradução como um termo genérico que abarca a transposição (oral, escrita) de/entre/para línguas e culturas e por, historicamente, a interpretação ser uma subárea subordinada ao ET, como mostra o delineamento de William e Chestermann (2002), a categorização da editora *Saint Jerome Publishing* e as implicações acadêmicas pela catalogação realizada por Pagano e Vasconcellos (2003) e Alves e Vasconcellos (2016). De qualquer forma, devido à interdisciplinaridade teórica, empírica e metodológica, talvez seja viável unir esses dois campos em Estudos da Tradução e da Interpretação.

Além da (não) concepção independente do EI, outra problemática encontrada é a predileção e, até mesmo, marginalização que determinadas línguas e correntes teóricas sofrem em detrimento de outras. Como exemplo, pode-se citar Cavallo e Reuillard (2016) que mapearam, em um período de dez anos (2006-2015), dissertações, teses no Banco de Teses Capes e no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações e artigos publicados nas principais revistas de tradução e interpretação brasileira, cuja temática paira sobre os Estudos da Interpretação. As autoras encontraram sete dissertações, três teses e vinte e um artigos, mas, de antemão, na introdução do referido

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Ceará, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo. Ainda, a Universidade Federal de Minas Gerais possui uma área de concentração em Estudos da Tradução em seu programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos.

² Citando alguns: Cadernos de Tradução, Tradução em Revista, Tradterm, Translatio.

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

trabalho, as mesmas anunciaram que seu propósito de busca se pautava apenas nas línguas vocais-auditivas.

Quanto às línguas gestuais-visuais, Santos (2018) realizou um levantamento de produções que abrangessem os Estudos da Tradução e Interpretação em três programas de pós-graduação entre 2000-2017, porém, para fins de citação e comparação, recortam-se aqui, apenas as dissertações e teses que trabalham exclusivamente com a interpretação, resultando em treze e duas respectivamente. Apesar de os pesquisadores poderem ter objetivos distintos ao promover discussões e apontamentos particulares às línguas em questão e seus desdobramentos para as atividades interpretativas, é importante que quaisquer línguas e modalidades sejam legitimadas como potencial objeto de estudo e trabalho para que os Estudos da Interpretação ascendam acadêmica e profissionalmente (PEREIRA 2018). Corroborando a essa afirmação, amparada em Pochhacker (2010), Santos (2018) salienta a dissonância existente entre pesquisadores e profissionais da interpretação nacionais e internacionais, uma vez que, no exterior, as pesquisas que envolvem as línguas gestuais-visuais têm se mostrado férteis para balizar e (re)pensar, como um todo, este campo disciplinar. Nacionalmente, apesar das recentes evoluções, ainda vivemos um espaço de emergência e urgência ao consolidar as línguas de sinais no âmbito dos Estudos da Tradução e/ou Interpretação como pontuam Rodrigues e Beer (2015), Martins (2016), Carneiro (2017), Pereira (2018), Santos (2018).

2. Alguns dizeres a respeito das (multi) interpretações

A arte da interpretação é milenar, pois origina-se, fundamentalmente, a partir de entraves comunicativos, ou seja, na diferença e/ou dificuldade linguística entre povos. Todavia, Nogueira (2016a) alerta que a atuação e função de um intérprete transcendem a mera ideia de que somente a(s) língua(s) em pauta basta(m). Vale considerar, também, os fatores sociais, culturais, os conhecimentos referenciais, gerais e as pessoas envolvidas.

Nesse molde, é essencial conhecer alguns dos atributos específicos que a interpretação hospeda. De acordo com Pochhacker (2004), Pagura (2010, 2015) e Rodrigues (2018a), a primeira e mais marcante especificidade é a atuação via relações interpessoais/face a face, na qual o intérprete ouve e/ou vê a explanação do emissor. A imediatidade é outro ponto, uma vez que sua primeira produção na língua alvo já é a final, obrigando o intérprete a seguir o ritmo de enunciação do comunicador. O não acesso irrestrito ao texto da língua fonte e a impossibilidade de consultar materiais externos, como glossários terminológicos e dicionários, para enriquecer seu trabalho endossam a complexidade da interpretação. Soma-se a isso a extensa e diversificada rede de temas, contextos e públicos em que o intérprete pode atuar e mediar.

A interpretação permite ser conduzida em alusão a certas categorias como consecutiva, intermitente, simultânea e sussurrada. Romão (2014) e Pagura (2015) discorrem que a tipologia consecutiva se realiza em três principais etapas, sendo a percepção/acesso ao texto em língua fonte a

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

primeira, o processamento e memória para armazenamento e conservação das informações a segunda e, por último, a produção na língua alvo. Entretanto, o terceiro estágio desponta posteriormente, já que o intérprete irá produzir a mensagem momentos após o orador ter encerrado e/ou pausado seu discurso. Como a memória, em qualquer procedimento interpretativo, alvorece um elevado processamento cognitivo (CAVALLO 2015), sugere-se a tomada de notas como um suporte para auxiliar o intérprete em situação consecutiva (ROMÃO 2014). Nesse formato, Pagura (2015: 188) assinala que a “capacidade de analisar o conteúdo da mensagem, depreendendo os elementos de coesão que ‘amarram’ a sequência de pensamento do palestrante, é uma habilidade fundamental para o intérprete”. Simplificando, o intérprete ouve ou vê (excerto) a mensagem, retém as informações, toma notas e a enuncia na língua alvo. A interpretação intermitente é semelhante à consecutiva, porém se atém apenas à versão de oração por oração ou a pequenos blocos de informações.

Ambas modalidades não são apropriadas para contextos de conferência, apesar de terem sido as primeiras experiências constatadas, pois a extensão temporal é sua maior inimiga. Assim, como Romão (2014) aponta, entrevistas, algumas reuniões, atendimentos clínicos, jurídicos, poderiam ser bem atendidos por meio destas tipologias interpretativas. Pagura (2015) ainda ressalta que a interpretação consecutiva pode ser usada como um caminho para a evolução de intérpretes em modo simultâneo, por fortalecer e avolumar técnicas como a competência em compreender e analisar o enunciado fonte.

A interpretação simultânea é a mais usual em espaços de conferências, mas não ocorre, necessariamente, concomitante à enunciação da língua fonte, visto que o intérprete demanda um intervalo de tempo (*décalage*) para processar a informação recebida (PAGURA 2015). Em virtude da complexidade de uma interpretação simultânea, Gile (1995), de forma globalizante, propôs o Modelo dos Esforços, que compreende um processamento cognitivo de quatro esforços/etapas. A primeira etapa, o momento de percepção ou análise, ou seja, quando o intérprete recebe as informações da língua fonte, porém já começa a organizá-la na língua alvo, a segunda é a memória de curto prazo, onde o profissional passa a reter as informações compreendidas, a produção, terceira etapa, na qual é externada a mensagem na língua alvo e, por fim, a coordenação de todas as três anteriores. É crucial que o intérprete consiga mensurar e delimitar esses momentos, pois, segundo Gile (1995), se algum dos esforços for priorizado, independente de qual seja a razão, os demais podem ser comprometidos e acarretar em prejuízos e/ou maiores dificuldades ao profissional em manter a qualidade do produto textual declarado.

Atualmente, o autor fez atualizações e complementações ao seu modelo de forma a incluir as línguas de sinais. Este (novo) modelo institui o esforço da recepção que abarca o ato de ouvir ou ver e avaliar a mensagem da língua fonte. Introduz a autogestão no espaço, que se refere à disposição física do profissional para que ele se coloque em um local visível ao público. Finalmente, o esforço da interação imediata com as pessoas surdas que se remete ao fato do público surdo, como receptores, em algum momento ter que responder algum questionamento. Estes últimos dois esforços citados, ainda que importantes, fazem alusão, especificamente, ao processo de interpretação de uma língua vocal-auditiva para uma língua gestual-visual, mas não compreendem, por completo, o procedimento direto, ou melhor, quando a interpretação tem a língua gestual-visual como fonte e a língua vocal-auditiva

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

como alvo. Provavelmente, o autor não se atentou para essa possibilidade, pelo fato de, historicamente, a população surda ter sido predominantemente receptora de informações. Compete acentuar que o modelo inicial de Gile (1995) salientava processos intramodais³ vocais-auditivos diretos, isto é, de uma língua estrangeira/segunda língua vocal para uma língua materna/primeira língua vocal.

No caso das línguas sobreditas, esta modalidade de interpretação necessita de aparatos instrumentais e tecnológicos como cabines, microfones para os intérpretes e fones de ouvido para a plateia que irá receber, auditivamente, a mensagem na língua alvo. Tal logística é estruturada para que não haja interrupções e ruídos sonoros entre o palestrante (língua fonte) e o público (língua alvo). É interessante frisar que esta experiência e iniciativa em realizar a interpretação da Libras para a Língua Portuguesa, isto é, um processo intermodal, em cabine, tem sido empregada desde 2014 no IV Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa em Florianópolis. Nogueira (2016a) argumenta que esta cabine é composta por microfones e monitores, uma vez que os intérpretes precisam observar o palestrante sinalizando para, então, proferir a interpretação para a Língua Portuguesa que a audiência receberá via fones de ouvido. Além de evidenciar mais um espaço de igualdade quanto à atuação de intérpretes intermodais e intramodais vocais-auditivos, a cabine pode ser um local que permite um pouco mais de tranquilidade aos intérpretes intermodais, resguardando-os, ao não os expor fisicamente ao público.

A interpretação sussurrada é aquela análoga à simultânea, porém ocorre por meio de sussurros/cochichos, em voz baixa para um grupo reduzido de pessoas. Esta não seria tão factível suceder na direção para a Libras, mesmo que haja um pequeno público de pessoas surdas, por se tratar de uma língua gestual-visual e, dependendo da disposição física e espacial, alguns membros podem ter dificuldade em visualizar a sinalização. Por isso, a fim de garantir comodidade e acesso absoluto ao texto em Libras, o recomendado seria posicionar-se em local visível a todos.

3. Interpretação em conferência: breve resgate

Sob o ângulo profissional e investigativo, Carneiro (2017) cita na década de 1960, no continente europeu, a inauguração de escolas e associações que objetivavam incentivar e modelar a prática da tradução e interpretação. Segundo Pagura (2010, 2015) e Nogueira (2016a), o marco da interpretação em conferência foi em Paris, 1919, para equacionar questões referentes à Primeira Guerra Mundial e em reuniões da Liga das Nações, em Genebra, por lidar com diversas e distintas pessoas e nacionalidades. Até aquela ocasião, a língua hegemônica era o francês, porém, com a entrada dos Estados Unidos, a língua inglesa passou a ser adotada (PAGURA 2015). Desse modo, a mediação linguística (francês-inglês) começou de maneira consecutiva entre os agentes diplomáticos

³ Ao longo de todo o texto, o termo inter/intramodal e suas eventuais variâncias, inter/intramodalidade será concebido como modalidade da língua, conforme sugere Rodrigues (2018a).

e políticos. Posteriormente, por volta de 1924, para tentar reduzir a duração dos eventos, em virtude do número crescente de línguas em questão, os autores citam a Organização Internacional do Trabalho, pertencente à Liga das Nações, como o momento em que a interpretação simultânea foi testada. Nela, a partir de tentativas e aprimoramentos, elaboraram um sistema capaz de captar as vozes e sons como se fosse um fone de ouvido. Todavia, a audiência jurídica, o conhecido Julgamento de Nuremberg, é tida como o marco da interpretação simultânea que temos hoje.

Em território brasileiro, Pagura (2015) expõe o encontro internacional da Organização Panamericana de Saúde, na capital fluminense, em 1948, como o primeiro evento em que ocorreu a interpretação intramodal vocal-auditiva(simultânea) em conferência. Para esse exercício, utilizaram equipamentos semelhantes àqueles do Julgamento de Nuremberg e da audiência na ONU.

A primeira interpretação em conferência que envolvia língua gestual-visual no Brasil não possui registros bem limitados, porém Nogueira (2016a) traz em sua dissertação trechos de uma entrevista, concedida em 2014 à Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, de uma militante surda, na qual relata um congresso com pessoas com deficiência em Recife em 1981. Neste ligeiro e lacônico apanhado, constata-se a predominância das interpretações em conferência envolvendo apenas línguas vocais-auditivas em detrimento das línguas gestuais-visuais. Isso pode ser reflexo de um histórico panorama mundial, na qual as pessoas surdas e as línguas de sinais eram proscritas e se enquadravam apenas a situações de interpretação comunitária.

Este âmbito “se dá na esfera pública, com o intuito de facilitar a comunicação dos não-falantes da língua oficial do país, e o seu consequente acesso aos provedores de serviços” (RODRIGUES 2010: 5). Relevante notar que, conforme Carneiro (2017) e Santos (2018) apontam, paulatinamente, a interpretação em conferência tem recebido as línguas de sinais, seja como língua fonte, seja como língua alvo, o que representa a inserção, por direito e competência, de pessoas surdas nesse espaço. Em contrapartida, as autoras demonstram que as línguas vocais-auditivas e têm feito presentes nas interpretações comunitárias, em resultado do crescente público de imigrantes, refugiados, asilados e, até mesmo, indígena no país. Essa saudável lógica indica que quaisquer línguas podem ocupar quaisquer ambientes e requerer quaisquer serviços, pois esses são permeados por/para pessoas. Contrariamente às barreiras (supostamente) postas pela sociedade, cabe à academia pesquisar e fomentar discussões, evidências e propostas que possam contribuir para a geração de políticas públicas, linguísticas, tradutórias e, assim, cumprir seu principal papel, ser aplicável ao meio social.

Apesar do pioneirismo imbuído às interpretações em conferências supracitadas, não havia qualquer formação e qualificação para tal. As pessoas que assumiam as atividades de mediação linguística e cultural eram apenas aquelas que dominavam as línguas de trabalho. Investir na formação superior e prática de intérpretes intra/intermodais e em seus respectivos múltiplos contextos de atuação é essencial, para que dê aos profissionais subsídios sólidos e reais, relativizando, problematizando e agregando conhecimento e habilidades indispensáveis para lidar com parâmetros linguísticos, textuais e modais (RODRIGUES 2018b). Essas ações colaboram para que determinadas estratégias sejam ensinadas e aplicadas ao ambiente adequado ao exercício

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

desempenhado, devido às especificidades que cada um exprime (GONDAR 2017; NOGUEIRA; SANTOS 2018).

Nesse sentido, o contexto de conferência apresenta suas singularidades, sendo um espaço de atuação, principalmente, simultânea e monológica, abrangendo eventos, palestras, seminários, congressos e pronunciamentos, que se configuram em uma tipologia apreciativo-informativa; e conferências de políticas públicas, governamentais e audiências públicas tidas como colaborativo-deliberativas (SANTIAGO 2016). De acordo com a autora, as principais distinções entre os tipos de conferência se baseiam na monologia (primeiro grupo), enquanto o segundo possui maior flexibilidade quanto a participação do público. Além da (não) exposição visual e/ou vocal e o posicionamento desses profissionais, Angelelli (2000), Nogueira (2016a) e Santos (2016) discorrem que este contexto possui particularidades relacionadas à formalidade do discurso em que o orador irá abordar temáticas de cunho técnico, especialmente, sendo seus pares os receptores da informação. Isso demanda dos intérpretes estratégias e escolhas lexicais compatíveis com o público, com a situação. O fator interpessoal é mais uma peculiaridade, mas não exclusiva a esse contexto, pois, geralmente, os intérpretes são contratados para atuar e não estabelecem nenhum vínculo⁴ com o comunicador e o público, diferentemente do contexto educacional, médico, jurídico, religioso, que se emolda como interpretação comunitária (POCHHACKER 2004), em que o contato contínuo com o mesmo grupo permite aos intérpretes maior discernimento para estipular suas estratégias de interpretação. Ainda, para muitos, a interpretação em conferência é tida como um grande prestígio, pelo fato de haver, geralmente, muitas pessoas assistindo.

Durante essa atividade, o trabalho em equipe/dupla é imprescindível, sobretudo quando a interpretação é simultânea. Sabe-se que esta evoca elementos de ordem física, linguística e cognitiva. Todos eles, alinhados e integrados, corroboram para efetiva tendência de qualidade do produto entregue. Embora não seja este o foco deste artigo, refletir quanto ao(s) processo(s) que culmina(m) em determinado material textual interpretativo e viabilizar debates em perspectivas teórico-metodológicas (PAGANO 2001), têm trazido importantes contribuições para se entender o multifacetado universo da interpretação.

Quando a interpretação se realiza entre duas línguas gestuais-visuais ou de uma língua vocal-auditiva para uma gestual-visual, o intérprete é exposto fisicamente à audiência, o que motiva demandas que vão além das propriamente corporais. A possível fadiga física pode comprometer as ações cognitivas e vice-versa, sendo, portanto, interessante que se estabeleça uma troca/revezamento entre os intérpretes em um intervalo de vinte (20) a trinta (30) minutos (METZGER 2010). Esta questão pode ser ajustada entre os profissionais, já que os eventos são diversificados em duração, conteúdo, local, público, palestrante e organização. Por isso, Nogueira (2016a) e Nogueira e Gesser (2018) referenciam três períodos que compõem a interpretação em

⁴ Por mais que os intérpretes, em momento pré-intepretação, fase em que são contatados e contratados para atuar, façam questionamentos quanto ao tema do evento/palestra, duração, público-alvo, acessem o material com antecedência, conversem com o orador e tirem possíveis dúvidas em relação às terminologias das línguas orais ou de sinais, o momento da interpretação em si é particular e isento desse vínculo.

conferência. O primeiro deles é a preparação da equipe de trabalho, onde os intérpretes poderão revelar suas experiências, *expertises*, conhecimentos e proposições em relação ao trabalho que irão desempenhar juntos. Nessa ocasião os intérpretes também solicitam o material com antecedência para estudo do conteúdo, de sinais/palavras, buscam conhecer o espaço físico em que irão atuar para traçar estratégias relacionados ao posicionamento. Em seguida, o segundo período é conhecido como a interpretação em si, na qual os profissionais se auxiliam e atuam conforme o combinado anterior. É imprescindível não se perder de vista que mesmo não assumindo o turno de fala, isto é, realizando a interpretação para a língua gestual-visual ou para a língua vocal-auditiva, é necessário que esteja plenamente atento para dar suporte ao parceiro de trabalho. Enquanto um está no módulo turno e o outro está em módulo apoio, ambos estão atuando e são responsáveis pelo produto apresentado. Nogueira (2016a) e Nogueira e Gesser (2018) instituem como o terceiro período a etapa de avaliação, pela equipe, após a realização da interpretação. A intenção é que os profissionais ponderem todo o processo desenvolvido e percebam o que foi válido ou não, quais aspectos podem ser aprimorados, anulados, acrescentados. Esta etapa é essencial, pois pode ser considerada, também, como uma (auto)formação empírica orientada e dialogada entre pares. Além disso, possibilita maior união entre membros que, guardando as devidas proporções, reflete a categoria dos intérpretes.

É preciso sublinhar que, mesmo em equipe, havendo trocas/revezamento, auxílio quanto a sinais e/ou palavras, o processamento e produção da interpretação é individual, dado que as informações são recebidas por uma pessoa e esta é quem fará as escolhas lexicais, terminológicas, interpretativas, que poderá ou não acolher o apoio despendido pelo parceiro de trabalho, resultando em perdas ou ganhos. Enfim, pelas declarações dos autores, a atuação em conferência é esculpida pela preparação, interpretação e avaliação.

Nesse íterim, a discussão travada até aqui remonta um escopo teórico para que o leitor compreenda, mesmo que de feitiço sintético, a interpretação em si e sua funcionalidade e dinâmica no domínio da conferência.

4. Trâmites metodológicos

Este trabalho enveredou por um percurso qualitativo, por ter a pretensão de assimilar e explicar, de maneira mais aprofundada, pontos encontrados na amostra, capazes de contribuir para a elucidação de específica questão (MINAYO 2001). Silveira e Córdova (2009) ressaltam que esta metodologia de pesquisa permite a construção de hipóteses e essa busca por conhecimentos pode levar a um caminho ainda não esgotado e produzir novas informações. Para os autores, o(a) pesquisador(a) é o(a) principal agente, pois é o(a) responsável por guiar todo o trajeto, sobretudo por (tentar) selecionar os mais adequados instrumentos e procedimentos para a coleta e avaliação de dados, haja vista o amplo leque que o método qualitativo outorga aos pesquisadores.

Um desses mecanismos é a manipulação de documentos estáveis e representativos que ainda não foram alvo de sistematização e análise. Segundo

Kripka, Scheller e Bonotto (2015), a pesquisa documental concede ao investigador a oportunidade de adentrar o campo escolhido e colher, criteriosamente, informações que o ajudarão a compreender o fenômeno em questão e a responder suas inquietações predeterminadas. Contudo, para as autoras, esse intenso contato com os textos também é provocador por incumbir, ao investigador, o tratamento e articulação dos materiais analisados a seus objetivos, tornando-os significativos para si e para a área como um todo na qual está imerso, seja nas ciências humanas, seja nas ciências exatas, seja nas ciências da saúde, seja nas ciências políticas, dentre outras.

Nesse sentido, a coleta e análise aqui empreendidas se deram a partir de trabalhos científicos publicados em anais de todas as (seis) edições do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (2008-2018) realizado e organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A escolha por este evento foi motivada por sua relevância no país em promover, bianualmente, um espaço de estímulo para reflexão, apresentação, circulação e propagação de experiências, pesquisas em andamento e/ou concluídas por/para os estudantes, profissionais, educadores e pesquisadores da área. Além disso, este é um evento consolidado que se iniciou no mesmo ano da criação do curso de graduação bacharelado em Letras Libras na UFSC, surgindo para reafirmar e coroar esta profissão e atuação como um campo científico legítimo e profícuo no âmbito dos Estudos da Tradução e Interpretação (SANTOS 2013; ALBRES 2014; RODRIGUES; BEER 2015).

O acesso aos anais foi obtido pelo sítio⁵ do congresso, porém como não há uma padronização do sistema para a busca por títulos dos resumos em todos os anos do evento e a possibilidade da interpretação em conferência não ser citada no nome da obra, mas transversalmente como o ambiente para a coleta de dados, optou-se por lê-los um a um e garantir a identificação de todas que contemplem esta temática. Ao decorrer dos anos, este sítio tem se modificado e modernizado e, em 2014, foram criadas quatro abas: (i) tema, (ii) busca por título do trabalho/porção do texto ou resumo/autor e coautor/instituição, (iii) modalidade aprovada todas/oral/pôster, (iv) conteúdo a buscar, com a finalidade de otimizar o alcance aos trabalhos disponibilizados. Assim, com esse formato, os itens usados para busca foram, respectivamente, Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, título do trabalho/porção do texto ou resumo, todas modalidades, intérprete/interpretação/conferência.

No tópico adiante, os trabalhos relacionados à interpretação de Libras-Língua Portuguesa do Brasil em conferência serão minuciosamente retratados para que o leitor os conheça e perceba sua importância para esta área. A composição de um *corpus* de natureza documental e bibliográfica já foi desígnio de Santos (2013), Albres (2016) e Pizzio, Oliveira e Sousa (2018) ao apresentar as dissertações e teses brasileiras a respeito da tradução e interpretação de Libras-Língua Portuguesa, interpretação educacional e linguística da Libras na região sul, respectivamente.

⁵Endereço eletrônico que comporta os anais de todas as edições do evento. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/anais2018.html>>. Acesso em: 29 maio 2019.

5. Resultados e discussão

Em 2008, primeira edição do congresso, não houve publicação de trabalhos em anais, apesar de ter existido um pequeno espaço para apresentações. Caso os autores quisessem, poderiam encaminhar suas produções para constituir uma edição especial alcunhada “Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais” na revista “Cadernos de Tradução”⁶, vinculada ao programa de pós-graduação em Estudos da Tradução da UFSC (ALBRES 2014). Mesmo não se caracterizando como anais, esta coletânea foi recuperada, assim como as apresentações promovidas pelos palestrantes que constam no sítio do evento e, quase unanimemente, nenhuma delas abarca, mesmo que indiretamente, a interpretação em conferência. Como exceção tem-se o trabalho de Albres (2010) que utiliza um evento acadêmico, mesa redonda, como palco de sua coleta de dados. Todavia, como já mencionado, por não se tratar de anais, este artigo não integra o intento dos materiais aqui recenseados.

Neste congresso, Rodrigues (2010), inaugura a inserção desta temática ao discorrer quanto a formação (polivalente) de intérpretes de línguas de sinais (ILS)⁷ que perpassa desde as atuações em contextos comunitários (educacional, jurídico, saúde) a conferência. Para isso, o autor intenta se aproximar dos Estudos da Tradução e da Interpretação ao traçar, amparado em Wadensjö (1998) e Gile (1998), um quadro comparativo entre as características de cada uma dessas duas dimensões contextuais interpretativas. Recorre, também, a alguns autores como Robinson (1997), Alves e Gonçalves (2007) e Gonçalves (2008) ao ressaltar a necessidade em se estimular e esmerar o desenvolvimento de competências e habilidades dos intérpretes entre as línguas e culturas envolvidas e aspectos metacognitivos, trilhando um sentido que leve da automatização à conscientização. Como dados, o autor elaborou e aplicou um questionário a vinte e sete intérpretes da região sudeste e três da região centro-oeste, constatando, de modo geral, que um único intérprete opera em variados contextos, sendo o educacional e em conferência, além de interpretação em meio religioso e intrafamiliar, os mais apontados. Apesar de Rodrigues (2010) não se ocupar prioritariamente em problematizar a interpretação em conferência em si, este trabalho converge a uma discussão e reflexão atual no que tange a formação (superior) de intérpretes e tradutores de Libras-Língua Portuguesa que atuam em diversos contextos, sendo esses detentores de particularidades.

Em seu trabalho, Barbosa (2012) não apresenta uma discussão profunda em relação à interpretação em conferência, visto que esta surge como um espaço para a coleta de seus dados. Contudo, lança uma importante abordagem ao problematizar a competência linguística dos intérpretes em atuação simultânea da Língua Portuguesa para a Libras no II Congresso Nacional de

⁶Para conhecimento e acesso aos materiais, o link da referida publicação é: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/1508/showToc>>. Acesso em: 29 maio 2019.

⁷ Este termo foi utilizado pelo autor em seu trabalho. Por isso, optou-se por mantê-lo nas apreciações referentes a esta publicação.

Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, a partir de filmagem de quarenta e cinco minutos. A temática seleciona as omissões como baluarte para as análises. O autor traz reflexões tradicionais de Gile (1999) quanto ao Modelo dos Esforços e a concepção das omissões como erro, mas é em Napier (2005) e Pym (2008) que ele se espelha para realizar sua pesquisa, por considerar que as omissões podem ser estratégias utilizadas, consciente ou inconscientemente, por intérpretes em desempenho simultâneo e estas podem ser de baixo ou alto risco.

Na terceira edição do evento, em 2014, não se detectou, nos anais, a presença de algum trabalho em que a interpretação em conferência se fizesse presente. Em 2016, a partir da procura no sistema do congresso, três artigos foram identificados, sendo o termo “conferência” exibido no título. No entanto, ao clicar em Oliveira (2016), intitulado “Omissão e explicitação em interpretação de conferência: a autoconfrontação como método de observação da atividade de *tilps* em formação”, o arquivo que surge é diferente, do mesmo autor com parceria de outra pessoa, intitulado “Formação de tradutores e intérpretes de libras em nível técnico integrado ao ensino médio” que fora apresentado no congresso em 2014. Dessa forma, apesar de listado, não foi possível ter acesso a esse material (OLIVEIRA 2016) e, por isso, não será incluído na discussão.

Nogueira (2016b) instala um apontamento vanguardista ao pronunciar-se relativamente ao trabalho em equipe e as maneiras de apoio na cabine em interpretações da Libras para a Língua Portuguesa em conferência. Para isso, o autor inicia denotando as características desse contexto de atuação, alinhado, em Gile (1999), às especificidades da interpretação simultânea, reconhecendo a novidade em desenvolver interpretações com línguas de sinais em cabine, algo corriqueiro para os que operam entre línguas orais. Ainda, aciona autores como Gabriel e Williams (2005), Napier et al. (2006), Hoza (2010), Silva e Nogueira (2012) para indagar sobre a importância do trabalho em equipe/dupla, favorecendo a interação entre os pares, auxílio quanto a troca de turnos em razão da fadiga física ou cognitiva e colaboração com palavras ou sinais. Nogueira (2016b) listou sete categorias como forma de apoio na cabine, a saber, feedback com a cabeça, confirmação, esclarecimento específico, esclarecimento contextual, sugestão de interpretação, correção e complemento. Os dados foram coletados na cabine do IV Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, por meio da gravação da atuação de seis intérpretes e posterior entrevista semiestruturada.

Outro trabalho avistado na quinta edição do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa é de Santiago (2016). A autora se atém, sobremaneira, ao contexto de conferência, dissertando quanto a sua especificidade, tipologia e nuances que a interpretação simultânea, mais utilizada neste espaço, apresenta. Interessante notar que Santiago (2016) pretende conhecer o olhar da palestrante surda, emissora do discurso em Libras, acerca da interpretação para a Língua Portuguesa, por compreender que esta pode ser uma possibilidade de reflexão para os intérpretes quanto a sua prática e conduta, bem como despertar, nos surdos, a atenção e compreensão da interpretação como um exercício árduo e complexo. A autora fundamenta sua discussão sob a perspectiva enunciativa-discursiva de Bakhtin/Voloshínov (2009) e Bakhtin (2010) dialogando, por exemplo, com

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

Lacerda (2000), Sobral (2008). A coleta dos dados se deu em um evento denominado Colóquio de Surdos do ABC, no qual realizou-se uma gravação da imagem da palestrante surda e a interpretação para a Língua Portuguesa.

Na sexta edição do congresso, em 2018, nenhum trabalho referente à interpretação em conferência foi encontrado no sistema que exibe os anais do mesmo.

Após breve explanação individual de cada um dos trabalhos contidos nos anais, é significativo compilá-los e tecer algumas ponderações. Os quatro autores citados, Rodrigues (2010), Barbosa (2012), Nogueira (2016b) e Santiago (2016) possuem conhecimentos, experiências e vivências práticas referentes à interpretação e tradução de Libras-Língua Portuguesa, visto que atuam/atuaram, por anos, como intérpretes e tradutores, e aporte teórico, já que todos são, atualmente, professores formadores de intérpretes e tradutores em instituições públicas e privadas de ensino. Esse dual embasamento, isto é, prático e teórico, corrobora para que as argumentações incitadas sejam coerentes e condizentes à realidade da área.

Dos quatro trabalhos, dois – Rodrigues (2010) e Barbosa (2012) – estão nivelados, diretamente, à formação de intérpretes e tradutores enquanto eixo temático. No primeiro, o autor traça um espectro desafiador quanto à aprendizagem e o aprimoramento dos profissionais que atuam nas mais variadas interpretações comunitárias e a de conferência, independente de qual seja a direção modal e interpretativa. Mesmo que este ponto ainda seja, e continue sendo, relevante, na época, 2010, as angústias e inquietações eram maiores, devido à recente abertura de cursos de graduação para formação de intérpretes e tradutores pela UFSC em parceria com quinze polos (QUADROS; STUMPF 2014; MARTINS; NASCIMENTO 2015). No segundo trabalho, em relação à formação de intérpretes e tradutores, Barbosa (2012) expressa um olhar linguístico, ao investigar as omissões como estratégia interpretativa em processo simultâneo da Língua Portuguesa para a Libras em conferência. Apesar de também contribuírem com este segmento formativo, Nogueira (2016b) e Santiago (2016) são transparentes ao sistematizar discussões relacionadas diretamente à interpretação em conferência da Libras para a Língua Portuguesa, nesta ordem, por meio do trabalho em equipe, suas maneiras de apoio e pela visão da oradora surda perante o produto da interpretação.

Do ponto de vista teórico e conceitual, Rodrigues (2010) é o único que deixa explícito seu interesse em vincular tais discussões ao campo disciplinar dos Estudos da Tradução e da Interpretação (de línguas de sinais). Os demais trabalhos não demonstram essas informações ao longo do texto como o autor supracitado, mas, sem dúvidas, também são membros e exemplos de publicações correspondentes a esse campo. Tal afirmativa prevalece, ao salientar que Barbosa (2012) e Nogueira (2016b) são recortes de dissertações afiliadas ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC. Em consonância com Santos (2013, 2018) e Albres (2014, 2016), manifesta-se aqui o desejo de que, progressivamente, as pesquisas envolvendo interpretações em conferência e demais contextos se associem aos arcabouços teóricos e metodológicos dos Estudos da Tradução e da Interpretação, de modo a se intensificar e tonificar a área.

Tratando-se de métodos e instrumentos de investigação, exceto Rodrigues (2010), todos os outros três analisaram situações reais de interpretação simultânea em conferência, o que demandou artefatos

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

tecnológicos como câmeras para gravações em vídeo e áudio, computadores e *software* para armazenamento, transcrição/tradução dos dados. Estes equipamentos são cruciais, uma vez que a Libras, um dos objetos de estudo enredado em todos esses trabalhos, se realiza em modalidade gestual-visual. Os questionários e/ou entrevistas também são importantes ferramentas para que se conheça a percepção dos sujeitos. Rodrigues (2010) e Nogueira (2016b) fizeram uso deste e o destinaram para os intérpretes. Santiago (2016) utilizou um modelo de comentários, a partir de um questionário, para compreender o olhar da palestrante surda quanto ao desempenho da intérprete.

Em suma, pode-se reunir as informações centrais destes trabalhos em:

Tabela 01: Compilação das informações encontradas nos trabalhos analisados.

ASPECTOS  TRABALHOS	TEMA	EIXO TEMÁTICO	DIRECIONALIDADE E MODALIDADE INTERPRETATIVA	FERRAMENTAS METODOLÓGICAS
Rodrigues (2010)	Desafios para a formação de intérpretes	Formação de intérpretes e tradutores	Interlinguística intermodal direta e indireta	Questionário
Barbosa (2012)	Omissões como estratégia interpretativa	Formação de intérpretes e tradutores	Interlinguística intermodal indireta (Língua Portuguesa-Libras) simultânea	Gravação e transcrição via <i>software</i> ELAN
Nogueira (2016b)	Trabalho em equipe e formas de apoio na cabine	Interpretação em contextos de conferência	Interlinguística intermodal direta (Libras-Língua Portuguesa) simultânea	Gravação, transcrição via <i>software</i> ELAN e entrevista
Santiago (2016)	Reflexão a partir do olhar da palestrante surda	Interpretação em contextos de conferência	Interlinguística intermodal direta (Libras – Língua Portuguesa) simultânea	Gravação, transcrição e questionário

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, diante de todo o montante, os resultados apontaram a ocorrência de uma publicação em 2010, uma em 2012 e três⁸ em 2016, correspondendo, respectivamente, a aproximadamente 2,56%, 1,2% e 2,56% dos resumos submetidos em cada ano.

⁸ Em 2016, como já assinalado, provavelmente por questões técnicas, não foi possível acessar o conteúdo de Oliveira (2016). Entretanto, por emergir na lista de anais, o mesmo foi considerado na contagem geral.

6. Considerações Finais

Devido a demandas de acessibilidade, o contexto de conferência é um crescente espaço para o exercício profissional de intérpretes de Libras-Língua Portuguesa do Brasil, seja em direcionalidade direta, seja indireta, uma vez que pessoas surdas vêm adentrando esses ambientes como emissores ou receptores de informações.

Nesse sentido, é importante maturar a especificidade que a conferência, em sua gama de possibilidades (palestras, seminários, congressos, reuniões, audiências públicas dentre outros), inspira à interpretação. Partindo e chegando a um discurso robusto, técnico, em caráter simultâneo, geralmente monológico, sendo necessário o trabalho em equipes para maior entrosamento e construção do produto final (NOGUEIRA 2016a)

Além disso, até então, este espaço de atuação é o que mais tem abrigado intérpretes surdos que trabalham na interpretação de/para Libras, sinais internacionais e outras línguas de sinais, em um molde interlinguístico intramodal (GRANADO 2019). Por isso é necessário que se incentive a formação, capacitação e, conseqüentemente, a produção científica nessa área de modo a expandir e guiar estes profissionais, bem como detectar as nuances estratégicas imbricadas a esse processo. Vale destacar que trabalhos com esta perspectiva de interpretação (intramodal gestual-visual) não foram encontrados nos anais de nenhuma das edições do congresso aqui eleito para levantamento.

Outra vertente já encontrada no âmbito de conferência é a guia- interpretação para surdocegos. Essa temática é ainda escassa em pesquisas (PETRONIO 2010), simbolizando um novo e fecundo campo para investigações nas mais diversificadas linhas como a formação e posicionamento de guias-intérpretes, os processamentos cognitivos, linguísticos e motores dessa atividade.

Referências Bibliográficas

ALBRES, N. A. As novas tendências metodológicas nos estudos da tradução/interpretação entre o par Português/Libras. In: QUADROS, R. M.; WEININGER, M. J. (Org.). *Estudos da Língua de Sinais Brasileira*, 1. ed. Florianópolis: Insular, v. 3, 2014, p. 13-34.

ALBRES, N. A. Mesclagem de voz e tipos de discurso no processo de interpretação da língua de sinais para o português oral. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 2, n. 26, 2010, p.291-306.

ALBRES, N. A. Produção de teses que abordam o intérprete educacional no Brasil. In: *V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 1-14.

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

www.revistas.usp.br/tradterm

ALVES, D. A. S.; VASCONCELLOS, M. L. B. Metodologias de pesquisa em Estudos da Tradução: uma análise bibliométrica de teses e dissertações produzidas no Brasil entre 2006-2010. *Revista DELTA*, v. 32, n. 2, 2016, p. 375-404.

ANGELELLI, C. Interpretation as a communicative event: a look through Hymes' lenses. *Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*, v. 45, n. 4, 2000, p. 580-592.

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 13ª Edição, 2009.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 5ª Edição, 2010.

BARBOSA, D. M. Omissões como estratégia na interpretação Português Brasileiro-Língua de Sinais Brasileira. In: *III Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012, p. 1.

CARNEIRO, T. D. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças na formação, atuação e status social. *Tradução em Revista*, n. 23, 2017, p. 1-19.

CAVALLO, P. A carga cognitiva em interpretação simultânea e as diferenças entre intérpretes e bilíngues. *TradTerm*, v. 25, 2015, p. 61-81.

CAVALLO, P.; REUILLARD, P. C. R. Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. *Letras & Letras*, v. 32, n. 1, 2016, p. 353-368.

GILE, D. The Effort Models in Interpretation. In: *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 159-190.

GONDAR, A. F. P. Aprendizagem autônoma na formação de intérpretes de conferência: usando a pesquisa-ação para aperfeiçoamento da prática pedagógica. *Tradução em Revista*, n. 23, 2017, p. 1-22.

GRANADO, L. F. G. W. Sinais Internacionais e a formação para intérpretes de sinais internacionais. *Belas Infiéis*, v. 8, n. 1, 2019, p. 211-228.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de investigaciones UNAD*, n. 14, 2015, p. 55-73.

MARTINS, V. R. O. Tradutor e intérprete de língua de sinais educacional: desafios da formação. *Belas Infiéis*, v. 5, n. 1, 2016, p. 147-163.

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua *TradTerm*, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

de sinais no contexto brasileiro. *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. especial 2, 2015, p. 78-112.

METZGER, M. Os destaques das pesquisas sobre interpretação de línguas de sinais no contexto acadêmico da interpretação comunitária. *Cadernos da Tradução*, v. 2, n. 26, 2010, p. 13-61.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, T. C. Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. In: *V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016b, p. 1-17.

NOGUEIRA, T. C. *Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine*. Dissertação de Mestrado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016a, p. 211.

NOGUEIRA, T. C.; GESSER, A. “As pessoas não sabem o significado de apoio”: percepções e competências no trabalho em equipe na cabine de interpretação libras-português em contexto de conferência. *Translatio*, n. 15, 2018, p. 122-158.

NOGUEIRA, T. C.; SANTOS, S. A. Tarefas de interpretação de Libras/Português: reflexões sobre uma proposta metodológica de ensino para contexto de conferência. *Transversal - Revista em Tradução*, v. 4, n. 7, 2018, p. 93-112.

PAGANO, A. *Metodologias de Pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

PAGANO, A.; VASCONCELLOS, M. L. B. Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *Revista DELTA*, v. 19, n. especial, 2003, p. 1-25.

PAGURA, R. J. *A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros*. Tese de Doutorado em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p. 232.

PAGURA, R. J. Tradução e interpretação. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. N. (Org). *Tradução &: Perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015, p.183-207.

PEREIRA, M. C. P. Estudos da Interpretação: quem tem medo das línguas de sinais?. *Tradução em Revista*, n. 24, 2018, p. 1-21.

PETRONIO, K. Deaf-blind interpreting: building on what you already know. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 2, n. 26, 2010, p. 237-273.

PIZZIO, A. L.; OLIVEIRA, J. S.; SOUSA, A. N. O desenvolvimento da pesquisa linguística da Libras no Brasil: mapeamento de dissertações e teses na região sul. In: *VI Congresso Nacional de Pesquisa em Linguística e Libras*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018, p. 1-20.

PÖCHHACKER, F. *Introducing Interpreting Studies*. London: Routledge, 2004.

PÖCHHACKER, F. Conexões Fundamentais: Afinidade e Convergência nos Estudos da Interpretação. *Scientia Translationis*, n. 7, 2010, p. 61-75.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

RODRIGUES, C. H. Da interpretação comunitária à interpretação de conferência: desafios para formação de intérpretes de línguas de sinais. In: *II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010, p. 1-7.

RODRIGUES, C. H. Translation and signed language: highlighting the visual-gestural modality. *Cadernos de Tradução*, v. 38, n. 2, 2018a, p. 294-319.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. *Translatio*, n. 15, 2018b, p. 197-222.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: novo campo disciplinar emergente? *Cadernos de Tradução*, v. 35, n. 2, 2015, p. 17-45.

ROMÃO, T. L. C. A tomada de notas em interpretação consecutiva: algumas considerações históricas. *TradTerm*, v. 24, 2014, p. 281-300.

SANTIAGO, V. A. A. A interpretação de Libras para português em conferência: uma reflexão a partir do olhar do palestrante surdo. In: *V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 1-14.

SANTOS, K. A. S. *O intérprete de Libras no contexto de conferência: reflexões sobre sua atuação*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016, p. 101.

SANTOS, S. A. *Tradução/Interpretação de Língua de Sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010*. Tese de Doutorado em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013, p. 313.

SANTOS, S. A. Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 44, 2018, p. 375-394.

TradTerm, São Paulo, v. 33, junho/2019, p. 123-140

www.revistas.usp.br/tradterm

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.), *Métodos de Pesquisa*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 120.

VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Londres: Routledge, 2000.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The Map: a beginner's guide to doing research in Translation Studies*, Manchester: *St. Jerome Publishing*, 2002.

Recebido em: 15/01/2019

Aceito em: 21/05/2019

Publicado em junho de 2019